

JOVENS QUE ESTUDAM E EMPREENDEM, QUANDO ESTAS AÇÕES SE IMBRICAM?

Licia Maria Andrade de Carvalho Magalhães (Pós Crítica/ UNEB)¹

Resumo: Esta pesquisa se propõe a buscar conhecimento sobre as/os jovens estudantes da Educação Básica que empreendem por oportunidade e /ou necessidade. Com isto pretende-se saber quais motivações e saberes são mobilizados por jovens estudantes da educação básica para empreenderem no mercado informal? Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é conhecer os motivos e saberes mobilizados pelas/os jovens estudantes para empreenderem no seu cotidiano. E os objetivos específicos são: descrever o perfil sócio econômico cultural de jovens estudantes, considerando os marcadores sociais de gênero, raça, classe, sexualidades e religiosidade; compreender os motivos que levam jovens a empreenderem no mercado informal; conhecer os tipos de saber fazer acionados por estas/es jovens em suas produções empreendedoras; identificar as criações/invenções de jovens. Para atingir estes objetivos o procedimento metodológico será a observação participativa, entrevistas semiestruturadas, a busca e registro das histórias de vida. O aporte teórico dar-se-á através de autores como: Agamben, Bachelard, Bulgacov, Deleuze, Derrida, Diógenes, Filgueiras, Foucault, Gil, Ginzburg, hooks, Kleiman, Lima, Messeder, Santos, Soares, Spósito, Street. A partir dos dados obtidos, após contato com estas pessoas, serão acrescentadas outras leituras teóricas. Espera-se que esta pesquisa possa proporcionar maior conhecimento sobre a juventude, seus letramentos e empreendimentos na educação básica e contribuir para a adoção de políticas públicas neste segmento, de forma que estes jovens tenham oportunidades de escolhas. Além disso, contribuir com a literatura para estudos sobre jovens de classes não abastadas.

Palavras-chave: Juventude empreendedora. Letramento. Informalidade

INTRODUÇÃO

A proposta de debruçar-se e estudar sobre jovens surgiu após o diálogo com uma colega, pois, até então, o tema do anteprojeto seriam as mulheres que empreendem resignificando saberes em Monte Gordo, Camaçari-BA. A mudança de tema ocorreu porque adolescentes e jovens da Educação Básica, das esferas municipal e estadual, fazem parte do meu contexto de trabalho e há várias questões problematizadoras que os cercam.

Antes de prosseguir é importante registrar a provisoriedade do título. Em seguida é necessário percorrer alguns caminhos de leitura para que se possa pensar sobre o que se quer saber e conhecer destes jovens além de problematizar acerca do que se diz sobre empreendedorismo e do que encontrarei com a pesquisa.

Situar juventude é fundamental, pois há várias discussões sobre este conceito. Por exemplo, Sposito (2004), rechaça o que se diz como um momento, um ciclo na vida, bem como os recortes biológicos e demográficos e sugere que se pense em juventudes. Diógenes (2009) pensa na necessidade contínua de decifração. Enquanto, Bulgacov *et al* (2011) discute a juventude a partir de um dado da Unesco, como uma etapa de transição entre a dependência e a independência, um período preparatório para a fase adulta.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Linha de pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores/as. Orientadora: Profª Dra Licia Maria de Lima Barbosa e Co-orientadora: Suely Aldir Messeder. Endereço eletrônico: liciamaria67@gmail.com

Esta pesquisa é embrionária, outras leituras serão agregadas com conceitos mais aprofundados, bem como dados serão adquiridos para que se pense em juventude até mesmo ouvindo estudantes da Educação Básica. Portanto, não vamos aqui concordar nem discordar das autoras abordadas.

Em relação ao empreendedorismo, no Brasil, Messeder (2019) aborda como uma solução encontrada para o sustento, sem passar pela via do capitalismo, a partir das pesquisas desenvolvidas para os estudos sobre a categoria nativa “cacete armado”, que, primeiramente, a mesma define como uma expressão do repertório dos baianos, cujo contexto é um estabelecimento pouco estruturado, precário, simples, com atendimento, nem sempre, cortês e que as pessoas se organizam da forma que podem para ganhar o sustento. Bulgacov *et al* (2011) não vê diferente e entende o empreendedorismo, principalmente, entre jovens que estudam, como resultado da exclusão do emprego com direitos. Diógenes (2009) entende que a juventude brasileira possui as necessidades básicas para sobreviver e busca oportunidades, que, segundo ela, deveriam estar asseguradas por políticas públicas, as quais ela acredita que, sendo para a juventude, devem considerar aspectos das experiências, sociabilidade, códigos de linguagem usados na comunicação entre eles, modos de vida e produção. O que não acontece, segundo esta autora.

Sobre informalidade, Lima *et al* (2011), diz que configura-se como estar sem a proteção das leis trabalhistas e previdenciárias, pois os trabalhadores produzem por conta própria, com baixo capital, baixo nível técnico e produtividade limitada. E Filgueiras *et al* (2004) diz ainda que é uma atividade que conta com o apoio familiar. Este conceito será aprofundado, a partir do contato mais direto com os jovens envolvidos na pesquisa.

QUESTÃO DA PESQUISA

A partir de leituras básicas sobre juventude, empreendedorismo, informalidade e letramento, a pergunta que norteará esta pesquisa é: quais as motivações e saberes são mobilizados por jovens estudantes da educação básica para empreenderem no mercado informal?

Esta pergunta surge a partir da observação direta no meu ambiente de trabalho: professora de Português da Educação Básica (Fundamental II e Ensino Médio), nas redes municipal e estadual. Nas duas escolas que trabalho é muito comum, nas dependências das instituições, vermos estudantes com caixinhas comercializando produtos.

Apesar de ser consumidora assídua destes produtos, não sei se fazem isso por oportunidade ou necessidade. Quem produz, geralmente, os alimentos? A venda se dá durante toda a semana? Há um capital de giro? O que fazem com o dinheiro? Quais os marcadores sociais que predominam

entre estas pessoas que vendem? As vendas são proibidas pelos órgãos centrais – Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) e pela Prefeitura Municipal de Camaçari – como lidam com a proibição? Têm noção disto? Quem são estas pessoas, quais suas histórias de vida?

Talvez sejam estas vendas, um ato de transgressão, justamente por ser uma atividade proibida nestes espaços. Esta transgressão é lida a partir de hooks (2013) ao narrar sua história de criança e mulher negra, depois escritora e professora, diz que ter sido educada numa escola exclusivamente negra foi libertador e que ser feminista a ajudou na formação de uma pessoa crítica. Sua transgressão foi ultrapassar fronteiras.

Outra questão a ser discutida foi levantada com a leitura dos textos que serviram de aporte teórico para a produção deste texto: no município de Camaçari/BA há políticas públicas para a juventude e estas chegam até Monte Gordo? Através da observação e convívio com estes jovens, não se percebe nem uma escuta por parte do poder público, nem uma valorização das lideranças locais. A escola, que poderia ser um polo para discussões críticas e preparação política das e dos estudantes para o enfrentamento do mundo e escolhas conscientes, tem um currículo mais voltado para o cumprimento dos conteúdos livrescos. Desta forma este corpo discente, a maioria, pensa em arranjar emprego nos condomínios de Guarajuba, nas barracas de praia ou nos grandes hotéis do Litoral Norte, através do Instituto Imbassaí – espaço que prepara mão de obra para desempenhar as funções de camareira, garçom, manutenção nos *resorts* da região.

Supõe-se que estes jovens, terminem empreendendo no ramo de alimentos, dentro da unidade escolar, como forma de sobrevivência, mas não se pode afirmar isto, pois é preciso, através da pesquisa, conhecer o que pensam estas pessoas e o que as move. Messeder (2012), diz que a compreensão da movimentação da economia através de microempresários informais, especificamente na orla de Camaçari/BA, pode nos ajudar a entender, de forma crítica, como isto ocorre e compreender seus *modus operandi*.

O LÓCUS DA PESQUISA

Monte Gordo é um dos dois distritos de Camaçari/BA, o outro é Vila de Abrantes, mais próximo de Salvador. Camaçari é um município conhecido por ter o Pólo Petroquímico, implantado na década de 70. O distrito em questão está situado às margens da Estrada do Coco, lado oposto à Guarajuba, lugar com muitos condomínios de luxo, um resort, restaurantes e barracas de praia – locais nos quais muitos dos estudantes trabalham.

O distrito é bastante extenso geograficamente e com a população espalhada entre a pequena área urbana e a grande área rural. Em termos de saúde há uma Unidade de Pronto Atendimento –

UPA e um Posto de Saúde. Um colégio estadual e seis municipais, mas apenas um deles tem o Fundamental II e um de Educação Infantil, os outros quatro, são de Fundamental I.

O Colégio Estadual de Monte Gordo foi criado no Diário Oficial de 07/01/2010 e funciona num prédio cedido pela prefeitura, no qual funcionava uma escola municipal. É um prédio com infraestrutura precária, com apenas oito salas de aula, ao redor de um pátio interno, no qual acontecem as atividades como palestras, atividades culturais e gincana. O colégio não tem biblioteca, internet, quadra, área de convivência, espaço verde. Cada sala de aula, confortavelmente, deveria comportar uma média de 30 alunos, mas funcionam até com mais de 40 no diurno.

São 27 professoras e professores das áreas de Linguagens, Humanas, Naturais e Matemática, todos licenciados em suas respectivas áreas, sendo 13 mulheres e 14 homens. Uma coordenadora pedagógica. Uma equipe gestora com 1 diretora, 1 vice diretora e 1 vice diretor. São 3 merendeiras, 3 mulheres na higienização, 3 mulheres na secretaria, 1 secretária escolar, 1 mulher na área auxiliando na disciplina e 4 vigilantes homens.

É perceptível que a equipe de trabalho desta Unidade Escolar é predominantemente feminina. Portanto, sendo este o *lócus* da pesquisa, mesmo não sendo o foco a equipe de trabalho, mas é com quem o corpo discente se relaciona cotidianamente e verificaremos se isso tem alguma influência nos estudantes pesquisados.

O colégio tem, tanto entre quem trabalha nos diversos segmentos, quanto quem estuda, uma maioria negra, portanto, as relações étnico-raciais e de gênero, não serão desconsideradas. Lima (2015) aborda a importância, numa sociedade excludente como a nossa, que as referências étnico-raciais não sejam invisibilizadas. Logo, esta abordagem nesta pesquisa, através dos modos de produção do conhecimento, as relações de poder, o papel que a escola tem na vida destes jovens, não devem ser desconsideradas, pois além de todas as violências físicas e sociais que estes jovens sofrem, ainda há a auto negação e relação de pertença com a negritude, o que se verifica no período de matrícula, pois na ficha a ser preenchida, há o item perguntando se negro, branco, pardo, indígena ou amarelo, o que, raramente, responsáveis ou estudantes maiores que se matriculam, se identificam como pessoas negras.

OBJETIVOS

Para conhecer os jovens desta comunidade, que empreendem no espaço escolar, temos como objetivo geral: conhecer os motivos e saberes mobilizados pelas/os jovens estudantes para empreenderem no seu cotidiano. E como objetivos específicos: descrever o perfil sócio-econômico-cultural de jovens estudantes, considerando os marcadores sociais de gênero, raça, classe,

sexualidades e religiosidades; compreender os motivos que levam jovens a empreenderem no mercado informal; conhecer os tipos de saber fazer acionados por estas/es jovens em suas produções empreendedoras; identificar as criações/invenções de jovens.

APORTE TEÓRICO

Nesta pesquisa, a intenção é fazer ciência, que se opõe à opinião, pois esta está sempre errada e é preciso destruí-la (BACHELARD, 1996), portanto não será definido aqui o perfil destes jovens e nenhum dos seus marcadores, nem as formas de produção sem antes ir à campo para obter dados.

Derrida (2001, p 48-49) propõe a desconstrução dos binarismos. Logo, nos cabe propor a discussão sobre juventude a partir de um deslocamento, de uma inversão, a desconstruir “a genealogia sublimante ou idealizante da oposição em questão e, de outro, a emergência repentina de um novo ‘conceito’, um conceito que não se deixa mais [...] compreender no regime anterior.” Logo, buscar nas e nos protagonistas do processo o que é essa juventude, quem são estes jovens e quais posições assumem diante do contexto que vivem.

Supostamente a juventude é um momento da vida de poucas experiências. É Agambem (2008) quem nos fará refletir sobre esta questão da juventude, a experiência e a contemporaneidade, ao dizer que se vive vários eventos num dia, mas nenhum deles se configura como experiência, tornando o hoje insuportável. Isso nos remete à pressa e talvez seja essa uma das marcantes características do que se percebe nestes jovens estudantes. E também tentarei descobrir se a pressa estabelece a concorrência entre ganhar dinheiro e estudar.

A pesquisa deve possibilitar descobrir se estas e estes jovens empreendem de maneira solitária ou contam com uma rede rizomática, que segundo Deleuze e Guattari (1995) quando se produz algo, se estabelece uma rede, uma multiplicidade. Para isto eles estabelecem analogia com um livro e o seu funcionamento, as conexões que estabelece, a multiplicidade e transformações que provoca. Assim, buscar-se-á conhecer o que e quem faz esta rede para que esta produção aconteça.

Em meio a tantas leituras, surge mais uma reflexão: o ato de empreender no espaço escolar, seria uma forma de buscar poder? Este, pensado aqui como “uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2014). Podemos nos remeter aqui à busca pela sobrevivência, mas que observou e aproveitou uma oportunidade.

Lembremos que as pessoas a serem pesquisadas são estudantes do Ensino Médio e que, comumente, ouço os colegas, principalmente, das áreas de Naturais e Humanas, manifestarem a sua indignação pelo fato do corpo docente não apresentar resultados como estas e estes colegas esperam, no caso: estudo através do livro didático e ampliação do conteúdo em outras fontes;

conhecimento prévio, acreditando que poderia ter sido construído na série anterior; enfileiramento, silêncio, rigidez nas aulas e cópia do quadro; escrita construída sem problemas ortográficos, de concordância, nem pontuação.

Soares (2003) traz esta visão como equívocos, pois não é o simples convívio com o livro didático e as aulas expositivas que estudantes se alfabetizam.

Não é comum se pensar nos saberes outros, os quais não são pertencentes ao escopo dos conteúdos formais. Desta forma, os letramentos presentes na vida desses jovens, para a escola não são considerados. Santos (2009), através de suas leituras, nos traz que práticas e eventos de letramento não são propriamente construídos no espaço interno da escola. Estes são uma construção social, cultural e política, o que resulta num sujeito plural.

A pluralidade envolve o saber fazer, que, segundo Messeder (2019), está ligado ao improviso, à criatividade, e este será tratado aqui como letramento. Kleiman (2005) traz a questão da complexidade do letramento, pois não é alfabetização, tampouco um método. Envolve mais do que um conjunto de habilidades ou a competência leitora. São múltiplas capacidades que precisam de diversos conhecimentos para mobilizá-las e muitos deles, concordando com Pereira, não têm relação com a leitura escolar.

Street (2014) faz uma abordagem procedente sobre o que se trata como analfabetismo funcional ao dizer que todos na sociedade possuem algum tipo de dificuldade em algum contexto, que isto é tratado de uma forma errônea ao estigmatizar pessoas que tenham problemas com a leitura e com a escrita, que, na verdade, são problemas na ortografia, compreensão do que lê ou na pronúncia padrão, criando assim uma divisão na sociedade e desconsiderando saberes.

Portanto, a pesquisa em questão pode colaborar nos estudos sobre letramento ao mostrar, que além dos saberes escolares, há os saberes diversos que ajudam na sobrevivência e busca de melhorias das pessoas.

METODOLOGIA

Ginzburg (2007) aborda o método como algo minucioso e exemplifica o desenvolvimento deste através da série de artigos assinados por Morelli, propondo um novo método para analisar obras de arte. A minúcia, os pormenores, é o que sugere Morelli. Desta forma, ao definirmos o que será estudado, não se deve andar pelo caminho da obviedade, mas identificar os detalhes que compõem um todo, assim obter um dado a mais para o que está em questão.

E em relação a trabalhar os detalhes, surgiu outra questão que está intrínseca e através da escuta, da observação das pessoas que serão parceiras desta pesquisa, poderá ser revelada. Segundo

Spósito (2004), nem toda criança vive o que se chama de infância, portanto há uma faixa etária para o que se denomina de criança, mas a infância é viver esta fase com direitos, inclusive, assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Então, o que chamamos de jovem, está assegurado numa faixa de idade, mas a juventude seria um estado?

A pesquisa em questão é de natureza exploratória, qualitativa com levantamento bibliográfico e estudo de caso. O universo a ser estudado são os jovens que empreendem no Colégio Estadual de Monte Gordo, Camaçari/BA, nos três turnos de funcionamento. Primeiramente, será feito um levantamento de quem pratica a atividade de vendas dentro da escola, a partir disto, um questionário deve ser aplicado para que se possa montar um quadro com os dados obtidos, com estas informações entraremos com as análises do conteúdo e do discurso e a seleção para que sejam feitos os estudos de casos, com entrevistas semiestruturadas.

O QUE SE ESPERA

Trazer para o campo da pesquisa jovens estudantes empreendedores da localidade de Monte Gordo, Camaçari/BA, é uma inovação e que pode contribuir para um redirecionamento da visão da escola sobre os estudantes e a implementação de políticas públicas na comunidade.

E como buscar estas políticas públicas? Possivelmente, através dos dados obtidos, será construído um documento, no qual se possa apresentar aos órgãos competentes, como Governo do Estado e Prefeitura Municipal de Camaçari, para que se possa buscá-las.

Além disso, a intenção é contribuir com os estudos sobre jovens estudantes da educação básica, para que se possa também pensar num currículo mais apropriado e menos livresco, podendo assim gerar um novo olhar destes jovens para a escola.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora Ufm, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: Contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 316 p.

BULGACOV, Yára Lúcia M. *et al.* Jovem empreendedor no Brasil : a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão? In: *Revista de Administração Pública*. 45. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2011. Cap. 3. p. 695-720.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. 94 p.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 128 p.

- DIÓGENES, Glória. Juventude, exclusão e a construção de políticas públicas: estratégias e táticas. In: MENDONÇA FILHO, *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa*. Salvador: Edufba, 2009. Cap. 41940090. p. 271-288.
- FILGUEIRAS, Luiz A. M. et al. *O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica*. Caderno Crh, Salvador, v. 17, p.211-229, 2004. Quadrimestral.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOOKS, B. *Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013
- KLEIMAN, Ângela B. *Preciso "ensinar" o letramento?: Não basta ensinar a ler e a escrever?*. Brasília: Mec, 2005.
- LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens*. Salvador: Eduneb, 2015. 134 p.
- LIMA, Thales Batista de et al. *Informalidade: Escolha ou Falta de opção?: Um estudo no Mercado Terceirão de João Pessoa/PB*. 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2011_ENGPR110.pdf>. Acesso em: 09 out. 2019.
- MESSEDER, Suely Aldir. Da construção do objeto ao trabalho de campo: um estudo sobre os/as microempresários/as. IN: *XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL*. Anais...Teresina-PI, 2012. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT11-05.pdf>> Acesso em: 13 set. 2018
- MESSEDER, Suely Aldir. Entre o familiar e o exótico: uma reflexão sobre o saber-fazer dos(as) empreendedores(as) baianos(as) ou trabalhadores(as) por conta própria. In: MESSEDER, Suely Aldir; CAMBUI, Elaine Cristina Barbosa (Org.). *Analista Cognitivo: uma profissão interdisciplinar*. Salvador: Edufba, 2019. p. 67-82.
- SANTOS, Áurea da Silva Pereira. *MEMÓRIAS DE LETRAMENTO DE IDOSOS: A LEITURA E A ESCRITA COMO BENS SIMBÓLICOS DE INCLUSÃO E/OU EXCLUSÃO SOCIAL*. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, [S.l.], v. 9, jul. 2013. ISSN 1980-8879. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1152/990>>. Acesso em: 06 out. 2019.
- SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação, Poços de Caldas, p.5-17, 5 out. 2003.
- SPÓSITO, Marília Pontes. (Des)encontros entre os jovens e a escola. In: FRIGOTTO, Gudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs). *Ensino Médio ciência, cultura e trabalho*. Brasília: Ministério da Educação, 2004. p. 73-91.
- STREET, Brian V. *Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240 p.